

Índice

Capitalismo e pulsão de morte	9
Porque não é hoje possível uma revolução	22
A exploração total do homem	27
No panótico digital	33
Só o que está morto é transparente	38
Dataísmo e niilismo	44
Vazio doloroso	47
O homem que salta	53
De onde vêm os refugiados?	56
Onde vivem os tipos selvagens	60
Quem é refugiado?	66
A beleza está no que é estrangeiro	70
Anda tudo à pressa	76
<i>In your face</i>	80
Conversas	
O eros vence a depressão	86
O capitalismo não gosta do silêncio	97
Referência dos textos	111

Capitalismo e pulsão de morte

Aquilo a que hoje chamamos crescimento é, na realidade, uma proliferação carcinomatosa, desprovida de objetivo. Atualmente assistimos a uma euforia de produção e de crescimento que faz lembrar um delírio de morte. Simula uma vitalidade que oculta a aproximação de uma catástrofe mortal. A produção assemelha-se cada vez mais a uma destruição. É possível que a autoalienação da humanidade tenha atingido aquele grau que lhe permite experimentar o seu próprio aniquilamento como uma fruição estética. O que Walter Benjamin disse outrora sobre o fascismo pode hoje aplicar-se ao capitalismo.

Tendo em vista a sua fúria destrutiva, Arthur Schnitzler compara a humanidade a bacilos. Segundo ele, a história da humanidade processa-se como uma doença infecciosa mortal. Crescimento e autodestruição coincidem: «Não seria concebível que também a humanidade representasse uma doença para qualquer tipo de organismo superior, incompreensível para nós como um todo, no interior do qual encontrasse a condição, a necessidade e o sentido da sua existência, que procurasse destruir esse organismo, e, finalmente, à medida que se desenvolve, tivesse de o destruir — precisamente como a estirpe de bacilos que tenta destruir o indivíduo humano “doente”!»¹ A humanidade está afetada por

¹ Arthur Schnitzler, *Aphorismen und Betrachtungen*, Francoforte, 1967, pp. 177 e seg.

uma cegueira mortal. Só consegue reconhecer ordens inferiores. Perante ordens superiores, é tão cega como os bacilos. Por isso, a história da humanidade é uma «luta eterna contra o divino», que «o humano destrói por necessidade».

Freud viria a partilhar sem reservas do pessimismo de Schnitzler. Na sua obra *O Mal-Estar na Civilização*, escreve que o homem, com a sua «cruel agressividade», é um «animal selvagem, que não respeita a preservação da sua própria espécie»². A humanidade destrói-se a si mesma. Embora, uma vez por outra, Freud refira a razão, que estaria em condições de reconhecer ordens superiores, em última análise o homem é dominado por pulsões. Considera ser a pulsão de morte responsável pelas tendências agressivas do ser humano. Poucos meses depois de terminar *O Mal-Estar na Civilização*, irrompe a crise económica mundial. Freud poderia ter afirmado, na época, que o capitalismo representa aquela forma económica na qual o homem, enquanto animal selvagem, pode manifestar melhor a sua agressividade.

Tendo em vista a destrutividade do capitalismo, faz sentido relacioná-lo com a pulsão de morte freudiana. O economista francês Bernard Maris, morto em 2015 no atentado terrorista contra o *Charlie Hebdo*, no seu estudo *Capitalisme et pulsion de mort* afirma o seguinte: «A grande artimanha do capitalismo consiste em canalizar as forças destrutivas, a pulsão de morte, e em redirecioná-las no sentido do crescimento.»³ Segundo a tese de Maris, a pulsão de morte, que o capitalismo utiliza para alcançar os seus fins, revela-se desastrosa. Com o tempo, as suas forças destrutivas tornam-se preponderantes e esmagam a vida.

A pulsão de morte freudiana será de facto apropriada para explicar o processo destrutivo do capitalismo? Ou este será dominado por uma pulsão de morte de um tipo completamente diferente, que escapa à teoria freudiana das pulsões? Freud faz assentar a

2 Sigmund Freud, *Das Unbehagen in der Kultur. Und andere kulturtheoretische Schriften*, Francoforte, 1994, p. 76 [*O Mal-Estar na Civilização*, trad. Isabel Castro Silva, Lisboa: Relógio D'Água, 2008].

3 Bernard Maris/Gilles Dostaler, *Capitalisme et pulsion de mort*, Paris, 2010, p. 9.

pulsão de morte numa base puramente biológica. Especula que, a dado momento, uma grande força despertou as propriedades da vida na matéria inanimada. A tensão que surgiu no material até então inanimado tentou suprimir-se. Assim se formou no ser vivo o impulso para regressar ao estado inanimado. A pulsão de morte tinha nascido: «A *finalidade de toda a vida é a morte* e, se recuarmos ao passado, *o inanimado já existia antes do vivo*.»⁴ A pulsão de morte reduz todas as instâncias da vida a «satélites da morte». As pulsões de vida não têm um objetivo próprio. As pulsões de autopreservação e de poder também são pulsões parciais que se destinam apenas a «assegurar ao organismo o seu próprio caminho até à morte e a afastar outras possibilidades de regresso ao inorgânico que não sejam as imanentes».⁵ Qualquer organismo quer apenas morrer à sua maneira. Por isso resiste a influências alheias, que «o poderiam ajudar a alcançar o seu objetivo vital pelo caminho mais curto (por assim dizer, por um curto-circuito)».⁶ A vida não é mais do que o ser «em todos os casos meu» (*jemeinige*) para a morte. É manifesto que a ideia da pulsão de morte exerceu um fascínio duradouro sobre Freud. Apesar de uma hesitação inicial, aferrou-se a ela: «O pressuposto da pulsão de morte ou de destruição deparou-se com resistência mesmo nos círculos analíticos [...]. A princípio, limitei-me a expressar com pouca convicção as opiniões aqui desenvolvidas, mas, com o decorrer do tempo, elas adquiriram um tal poder sobre mim que já não consigo pensar de outro modo.»⁷

A ideia da pulsão de morte fascina tanto Freud porque pode recorrer a ela como uma explicação para a pulsão destruidora dos seres humanos. A pulsão de morte trabalha no interior do ser vivo no sentido da sua desintegração. Freud interpreta este processo de morte como resultado de uma autodestruição ativa. Por isso, a

4 Sigmund Freud, «Jenseits des Lustprinzips», em: *Psychologie des Unbewussten. Studienausgabe*, vol. 3, Francoforte, 1989, pp. 213-272, aqui: p. 248.

5 *Ibid.*, p. 249.

6 *Ibid.*

7 Freud, *Das Unbehagen in der Kultur*, *op. cit.*, p. 83.

pulsão de morte começa por se manifestar como autoagressão. Só a pulsão de vida, o eros, se encarrega de orientar a pulsão de morte para o exterior, contra os objetos. A agressividade dirigida para o exterior protege o ser vivo da autodestruição: «A pulsão [ou seja, a pulsão de morte] seria obrigada a pôr-se ao serviço do eros, enquanto o ser vivo aniquilava outra coisa, animada ou inanimada, em vez de se destruir a si mesmo. Pelo contrário, a restrição desta agressividade dirigida para o exterior faria aumentar a autodestruição, que, de uma forma ou de outra, ocorre sempre.»⁸

No que toca à pulsão de morte, Freud não estabelece uma distinção entre os seres humanos e outros seres vivos. A pulsão de morte, enquanto tentativa de regressar ao estado inanimado, é inerente a *todos* os seres humanos. Freud atribui a agressividade a esta pulsão de morte. Deste modo, reúne dois impulsos muito diferentes. A tendência inerente do organismo para eliminar as tensões, e, por fim, para morrer, não pressupõe necessariamente um poder destrutivo. Se se entender a pulsão de morte como uma eliminação sucessiva da força vital, nenhuma pulsão destrutiva pode derivar dela. Além disso, a pulsão de morte não explica a agressividade especificamente *humana*, pois o homem partilha-a com todos os outros seres vivos. Porém, o homem é particularmente agressivo e, acima de tudo, cruel. Nenhum outro ser vivo é capaz de uma fúria destrutiva cega. Freud também atribui o sadismo à mesma pulsão de morte: «No sadismo, em que ela [ou seja, a pulsão de morte] desvia o objetivo erótico a seu favor, embora satisfazendo plenamente o impulso sexual, conseguimos obter a perspectiva mais clara da sua natureza e da sua relação com o eros. Mas, mesmo onde surge sem intenção sexual, mesmo na fúria destrutiva mais cega, é incontestável que a sua satisfação está associada a uma fruição narcisista extraordinariamente elevada, na medida em que mostra ao eu a concretização dos seus antigos desejos de onnipotência.»⁹ A pulsão de morte, enquanto

⁸ *Ibid.*, p. 82.

⁹ *Ibid.*, p. 85.

tendência inerente a todos os seres vivos para regressarem ao estado inanimado, não explica a fruição decididamente narcisista que a violência sádica proporciona ao eu. Para explicar o sadismo, tem de se pressupor a existência de uma pulsão destrutiva muito diferente.

Segundo Maris, a força motriz do capitalismo é a pulsão de morte, colocada ao serviço do crescimento. No entanto, o que permanece sem resposta é o que produz esse ímpeto de crescimento irracional que torna o capitalismo tão destrutivo. O que impulsiona o capitalismo para a acumulação cega? É aqui que se põe a questão da morte. O capitalismo assenta na negação da morte. Acumula-se o capital face à morte como perda absoluta. A morte produz a compulsão para produzir e crescer. Maris presta pouca atenção à morte. O próprio Freud não se ocupa especificamente dela. A pulsão de morte como desejo de morte faz desaparecer precisamente a morte, que se manifesta sob a forma de angústia. É significativo que Freud não tenha em conta o facto de todos os seres vivos lutarem contra a morte. É curiosa a sua observação de que, ao aceitar a pulsão de morte, «se anula a misteriosa tendência do organismo, impossível de inserir em qualquer contexto, para se afirmar em oposição ao mundo inteiro»¹⁰. Assim, não é absurda a tese de que a ideia freudiana da pulsão de morte representa, em última análise, uma estratégia inconsciente para suprimir a morte.¹¹

Há uma estreita ligação entre a agressividade específica do ser humano, a *violência*, e a consciência da morte, que é exclusiva do homem. A economia da violência é dominada por uma lógica de acumulação. Quanto mais violência se exerce, mais poderosa uma pessoa se sente. A violência homicida acumulada gera uma sensação de crescimento, de força, de poder, de invulnerabilidade e de imortalidade. É precisamente este aumento de poder que dá origem à fruição narcisista que a violência sádica produz. Matar

10 Freud, «Jenseits des Lustprinzips», *op. cit.*, p. 249.

11 Ver Luigi De Marchi, *Scimietta ti amo: psicologia, cultura, esistenza: da Neanderthal agli scenari atomici*, Longanesi, 1984.

protege da morte. Domina-se a morte matando. Mais violência homicida significa menos morte. A corrida às armas nucleares também obedece a esta economia capitalista de violência. Imagina-se a capacidade acumulada de matar como a capacidade de sobreviver.

A espiral de violência da vingança de sangue faz luz sobre a economia arcaica da violência. Na sociedade arcaica, cada morte é interpretada como resultado da violência. Assim, a própria morte «natural» pode desencadear a vingança. À violência sofrida, que levou à morte, opõe-se uma contraviolência. Cada morte enfraquece o grupo. Por isso, ele tem, por seu lado, de matar para restaurar a sensação de poder. A vingança de sangue não é uma represália nem um castigo. Não se responsabiliza nenhum criminoso. O castigo racionaliza a vingança e impede o seu aumento desmesurado. Ao contrário do castigo, a vingança de sangue não é direcionada. É por isso que é tão devastadora. Pode mesmo acontecer que o grupo decidido a vingar-se mate pessoas não envolvidas. Aquiles vinga a morte do seu amigo Pátroclo matando e mandando matar indiscriminadamente. Não se matam apenas inimigos. Também se abate um sem-número de animais.

A etimologia da palavra «dinheiro» aponta para um contexto de sacrifício e de culto. Na origem, o dinheiro é o meio de troca com o qual se adquirem animais para o sacrifício. Quem tem muito dinheiro fica em posse de um poder de matar divino: «Uma vez que tem as suas raízes no sacrifício cultural, o dinheiro é, por assim dizer, um sangue sacrificial congelado. Atirar dinheiro à sua volta, deixá-lo fluir e vê-lo fluir, produz um efeito semelhante ao correr do sangue na batalha ou no altar sacrificial.»¹² O dinheiro acumulado confere a quem o possui um estatuto de predador. Imuniza-o contra a morte. Ao nível da psicologia das profundezas, subsiste a crença arcaica de que a capacidade acumulada de matar, o aumento de capital evitam a morte.

12 Georg Baudler, *Ursinde Gewalt. Das Ringen um Gewaltfreiheit*, Düsseldorf, 2001, p. 116.